

PROFESSOR: artesão ou operário?

Vitor Henrique Paro

 CORTEZ
EDITORA

Vitor Henrique Paro

PROFESSOR:
artesanão ou operário?

SUMÁRIO

Prefácio	13
Apresentação.....	19
Introdução	25
A razão mercantil, 26; O amadorismo pedagógico, 29	
Capítulo 1 Educação enquanto atividade pedagógica	33
A cultura como objeto da educação, 33; Não há transmissão, mas apropriação, 35; O professor como portador do senso comum, 36; Educação escolar exige saber técnico-científico, 39; A ideologia do “não”, 43; “Limites”: um discurso muito limitado, 46; Democracia como fundamento de humanidade, 47; Democracia como fundamento pedagógico, 48; A marca	

do autoritarismo desde a infância, 50;
 “Construção do conhecimento”?, 58; Quem
 trata de políticas educacionais precisa
 entender de educação, 60

Capítulo 2	Educação enquanto processo de trabalho.....	63
	Produção material e produção não material, 64; Trabalho manual e trabalho intelectual, 65; Elementos do processo de trabalho, 68; O produto da escola, 69; Elementos do processo de trabalho pedagógico, 72; Um objeto de trabalho singular, 73; Trabalho concreto e trabalho abstrato, 74; Trabalho forçado, 76; A relevância do produto, 78; Consciência do processo pedagógico, 80; Em síntese..., 86	
Capítulo 3	Quem “trabalha” no processo pedagógico	87
	“Educar’ é com a família. Escola só ‘ensina’.”, 88; O engodo das novas tecnologias, 91; Avaliação, 94; Avaliação no processo, 95; A “cultura” do exame, 96; “Avaliação” externa: um álibi para nada fazer, 97; A singularidade do trabalho educativo, 101; Condições de trabalho, 107; Formação docente, 108; As críticas à “proletarização”	

do trabalho docente, 110; O professor não educa sozinho, 112; Qualidade de vida do professor, 113; Identidade profissional, 114; Dignidade, 117; Indignação, 120

Capítulo 4	Conclusões.....	123
	Referências.....	135

formas mais competitivas de honra. Não é algo que você ganha ou conquista, a reação adequada à sua dignidade não é orgulho, e sim o respeito próprio. Afinal, se sua humanidade lhe dá direito ao respeito, então ela lhe dá o direito até de respeitar a si mesmo!

Existem diferenças importantes entre a dignidade, entendida desta maneira, e outras formas de honra, mas todas têm algo importante em comum. Se você não agir de maneira compatível com sua dignidade, as pessoas deixarão de respeitá-lo, e com razão. Você não precisa ganhar sua dignidade humana: não precisa fazer nada de especial para obtê-la. Mas, se não viver à altura de sua humanidade, você pode perdê-la. Neste aspecto, é como a honra real do príncipe Hal, que ele não fez nada para ganhar, exceto nascer, mas que poderia perder se não vivesse de acordo com os critérios que ela acarretava. E se você perde sua dignidade, como no caso da honra, o que você vai sentir é vergonha. (p. 140)

Appiah demonstra em seu livro como esse conceito de honra está envolvido em grandes transformações morais, como o fim do duelo na Inglaterra, a extinção do costume chinês de amarrar os pés das mulheres desde bebês, a abolição da escravidão negra e a atual luta contra o assassinato de mulheres e meninas no Paquistão. Segundo sua tese, uma sociedade passa, às vezes, séculos convivendo e aceitando determinada situação, absurda, irracional e humanamente indefensável, de

Indignação

violação da integridade física e moral de contingentes significativos da população, sem que aparentemente nada pareça justificar a necessidade de mudança aos olhos do senso comum. Mesmo a consciência dessa situação não basta para modificá-la. Em determinado momento, porém, como resultado de uma variedade de causas econômicas, políticas e culturais, começa-se a notar certo incômodo moral com o caráter odioso de tal situação, incômodo esse que cresce e se avoluma, impregnando o senso comum na forma de uma indignação geral que faz com que as pessoas se sintam envergonhadas de conviver com tal situação. Essa indignação é alguma coisa que, embora também fincada na consciência da situação, projeta-se para além desta, ensejando consequências antes inusitadas. Configura-se assim uma verdadeira questão de honra que impulsiona o embate final contra a situação irracional vigente.

Essa reflexão nos remete à situação absurda em que se encontra há tempos a escola pública básica, com condições de trabalho inteiramente inadequadas para professores e alunos, e a correspondente prática de uma didática antediluviana, incapaz de prover a cultura que propicie a formação humano-histórica do educando. Será que a consciência dessa situação, propiciada pela abundância de conhecimento disponível sobre essa dramática realidade, conhecimento esse que tem transbordado até para a imprensa mais conservadora e se mostra explicitamente até para os espíritos mais insensíveis, tem sido insuficiente para orientar medidas tendentes a sua superação? Estaria toda essa evidência que nos entra pelos poros cotidianamente

dependente de um sentimento geral de indignação para dar origem a transformações significativas? Isso nos lembra a reflexão que faz Appiah a respeito dos requisitos para superar a estúpida situação da morte por “questão de honra” que existiu no passado em muitas sociedades e ainda persistem em algumas culturas atualmente. Diz ele:

[...] Continue lembrando às pessoas, de todas as maneiras, que a morte por questão de honra é imoral, ilegal, irracional, irreligiosa. Mas receio que a admissão dessas verdades, por si só, não levará a uma coerência entre o que as pessoas sabem e o que fazem. A morte por questão de honra só findará quando for considerada uma desonra. (Appiah, 2012, p. 178)

Pode-se fazer uma paráfrase com relação à *dignidade* do professor, ou à falta de *respeito* para com a criança. O discurso sobre a forma como a criança é desrespeitada em sua integridade psicossocial só terá poder de mudanças significativas quando a sociedade se sentir ofendida em sua honra pela maneira como são tratados os imensos contingentes infantis deste país. Da mesma forma, é preciso que os professores e todos os interessados na educação escolar orientem suas ações e seus pleitos fundamentados numa profunda convicção na *dignidade* de seu trabalho e numa sincera *indignação* com o descaso e a injustiça com que é tratada a categoria dos educadores. Porque só quando a sociedade se sentir de fato *envergonhada* e ferida em sua honra por causa dessa situação estaremos próximos a alguma mudança de fato.

Este livro leva a compreender em profundidade o *trabalho* de educar, ou seja, a atividade de construir personalidades livres e autônomas, identificando as múltiplas determinações dessa ação singular. Isso é de enorme relevância para teóricos da Educação e tomadores de decisão em políticas educacionais. É também de extrema necessidade para aqueles que, na prática escolar cotidiana, dedicam parcela preciosa de suas vidas ao esforço de construir o humano-histórico nas crianças e jovens. É para estes, professores e professoras da Escola Básica, que Vitor Paro dedica este livro. A forma rigorosa e quase coloquial com que o Autor apresenta o tema seguramente reforçará no professor o orgulho por sua profissão, a indignação com os que a apequenam e a alegria na realização de seu grandioso trabalho de humanizador da sociedade.

ISBN 978-85-249-2700-3



 CORTEZ
EDITORA